

**TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL NA AMAZÔNIA:** a condição de trabalho dos  
artistas de galpão do boi-bumbá

Laranna Prestes Catalão

Assistente Social

Mestre em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM)

Endereço: Alameda Manoel Lhama Veiga, 19, Conjunto Ruth Passarinho, Bairro

Padre Luiz, Bragança/PA

Telefone: (91) 98365-7188

E-mail: [larannaprestes@gmail.com](mailto:larannaprestes@gmail.com)

Eixo Temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

## **TRABALHO E QUESTÃO SOCIAL NA AMAZÔNIA: a condição de trabalho dos artistas de galpão do boi-bumbá**

Laranna Prestes Catalão

### **RESUMO**

Parintins conquista vários visitantes do mundo inteiro pela magia dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido e pela criatividade do seu povo. Uma das características desta festa são as alegorias grandiosas apresentadas durante o espetáculo que interessaram a contratação os profissionais que as produzem para outras festas populares. Estes trabalhadores são os sujeitos principais deste trabalho. Aqui, o esforço foi descrever as condições de trabalho dos artistas de alegoria do Festival Folclórico de Parintins em seu processo de trabalho e as relações sociais e trabalhistas em dentro dos galpões, através de uma pesquisa qualitativa que resultou em dissertação de mestrado.

Palavras-chave: trabalho, indústria cultural, Parintins, boi-bumbá.

### **ABSTRACT**

Parintins conquer many visitors from around the world by the magic of Bois-Bumbás Guaranteed and Capricious and creativity of its people. One of the features of this festival are the grand allegories presented during the show that interested hiring professionals who produce for other festivals. These workers are the main subjects of this study. Here, the effort was to describe the working conditions of the Folkloric Festival of Parintins allegory of artists in their work process and the social and labor relations within the sheds, through a qualitative research that resulted in dissertation.

Keywords: work, cultural industry, Parintins, boi-bumbá.

## **1. INTRODUÇÃO**

Mistérios, lendas, mitos, gente festiva e dois bois que se enfrentam na arena do Bumbódromo<sup>1</sup>. É assim que Parintins conquista vários visitantes do mundo inteiro: pela magia dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido e pela criatividade do seu povo.

Os bois foram criados em 1913, na cidade de Parintins, município amazonense distante da capital Manaus a 360 km via fluvial. Sob influência nordestina, local de origem de seus idealizadores, os bois rivais faziam com que seus criadores e brincantes se reunissem e saíssem às ruas para dançar e brincar nas casas de seus torcedores e simpatizantes, comemorando as festividades juninas.

---

<sup>1</sup> Nome criado em alusão ao sambódromo, onde ocorre o desfile das escolas de samba, o Bumbódromo é um projeto arquitetônico construído com arena, arquibancadas e camarotes onde são realizadas as apresentações dos Bois Caprichoso e Garantido desde 1988.

Na década de 1960, a brincadeira tornou-se uma disputa mais acirrada por meio do Festival Folclórico de Parintins, criado pela Juventude Católica da cidade, para angariar fundos para a construção da Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Os brincantes produziam seus bois, fantasias, itens individuais e toadas para as apresentações que ocorriam na quadra poliesportiva da igreja (RODRIGUES, 2006).

Foi nos últimos anos da década de 1980 que o Festival Folclórico de Parintins começou a despertar atenção maior do poder público estadual e de empresas multinacionais com patrocínios para a festa e, por conseguinte, mais espectadores e torcedores em âmbito regional, nacional e até internacional. Começa assim, a profissionalização do modo de produção dos bois e inicia-se o processo de crescimento do município com maiores investimentos públicos não apenas na festa, mas na infraestrutura da cidade para fomentar sua inclinação turística. Foram construídos novos e mais amplos negócios nas áreas de lazer, turismo e hospedagem, como é o caso do Projeto “Cama e Café da Manhã”, de iniciativa estadual que financiou a construção de suítes nos quintais das casas parintinenses para aumentar o número de visitantes – iniciativa que afirmaram de vez o Festival Folclórico de Parintins como um produto da indústria cultural (AZEVEDO, 2002).

O boi que era produzido por seus criadores e brincantes, patrocinada por famílias e que depois toma proporções de festival para construção de uma igreja, deixa de ser uma brincadeira para tornar-se uma “empresa”. Os artistas e brincantes passa a ser contratados e designados para tarefas diversas tanto artísticas como administrativas, e o criador do boi e as famílias patrocinadoras cedem espaço para os presidentes das associações folclóricas e sua comissão ou conselho de arte que passam a dirigir as apresentações de seus bois por meio do “Projeto Boi de Arena”.

“Empresa” esta que contrata diversos profissionais para dar vida à apresentação, dentre os quais, os artistas de galpão. Esta categoria de trabalho, criada por estes profissionais, é subdividida em: artista de ponta (idealizador da alegoria que dará vida ao roteiro elaborado no “Projeto Boi de Arena”), escultor, pintor, soldador, artesão e auxiliar de galpão. Foi sobre estes sujeitos que este trabalho debruçou-se.

O centro de discussão deste estudo é o meio ambiente de trabalho – os galpões e sua infraestrutura para abrigar estes trabalhadores –, suas atividades diárias, os instrumentos e materiais utilizados por estes sujeitos. Os materiais utilizados no processo de trabalho dos artistas de galpão são: todos os tipos de ferro para a estrutura da alegoria, cola de isopor e de sapateiro, tintas vinílicas, papelão, isopor, madeira, tecidos, espumas, cordas, penas, fibras, adornos, sementes e objetos da cultura cabocla para ornamentação (ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI-BUMBÁ GARANTIDO, 1999).

Estes materiais, se não forem devidamente manipulados pelos trabalhadores por meio dos equipamentos de proteção individual (EPI), trazem riscos à saúde, como foi

observado durante as visitas aos galpões nos primeiros contatos com estes sujeitos durante o Estágio Supervisionado em 2010, e ainda, durante as observações sistemáticas para este estudo. Observou-se que apesar da distribuição gratuita dos EPIs pelas associações e pelo incentivo e até advertência por meio de palestras e das constantes rondas dos técnicos em segurança do trabalho, os artistas ainda resistem ao uso deste equipamento por condições climáticas, culturais ou da escassez e/ou desgaste do EPI.

Cada agremiação contrata, em média, 300 (trezentos) profissionais para o trabalho artístico e administrativo. Dentre estes, por volta de 165 (cento e sessenta e cinco) são contratados para a elaboração e criação de alegorias e indumentárias: os artistas de galpão. Estes profissionais trabalham no período de abril a junho, numa jornada de 44 (quarenta e quatro) horas semanais – com pelo menos duas ou três horas extras diárias – e lidando diariamente com seus instrumentos e materiais de trabalho que trazem riscos à saúde, como: faca e resistores elétricos para cortar e esculpir isopor, máquinas de solda e demais instrumentos para “esculpir” o ferro, cola de sapateiro e isopor e tintas vinílicas, além da necessidade de escalada das estruturas de ferro para soldar, pintar ou montar os módulos alegóricos.

Neste sentido, questionou-se: como se dá o processo de trabalho dos artistas de galpão? Quais as condições de trabalho oferecidas pelas agremiações, considerando local, atividade, jornadas diárias e ganhos recebidos?

Foi adotada como metodologia uma construção teórico-metodológica que considerou a dinâmica e as condições a que os artistas vêm sendo submetidos para o desenvolvimento de suas atividades, por meio de uma atitude reflexiva e crítica em sua totalidade, observando sempre a dinâmica social em constante movimento. Seguiu-se uma abordagem qualitativa, onde os dados foram coletados por meio de pesquisa documental e bibliográfica, observação sistemática, diário de campo e entrevistas semiestruturadas.

Os sujeitos principais deste trabalho são os artistas de galpão. Em 2013, cada associação contratou, em média, 110 (cento e dez) profissionais para esta função. Deste universo, fora entrevistados 19 (dezenove) sujeitos das duas associações. Para complementar as informações sobre a política de segurança e saúde oferecida pelas associações, foram entrevistados diretor de galpão, técnico em segurança do trabalho e enfermeiros responsáveis pelo setor de saúde no galpão.

O *lócus* da pesquisa foi o galpão central de cada associação folclórica. O galpão do Boi Garantido fica na Estrada Odovaldo Novo, s/n, Bairro João Novo, e o do Boi Caprichoso situa-se na Rua Fausto Bulcão, s/n, Bairro Palmares. Contudo, é preciso esclarecer que, por questões políticas, não foi permitida a entrada nos Galpões da Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso para entrevistar os profissionais em seu local de trabalho. A Diretoria da Associação só permitiu a observação do espaço de trabalho sem interferência na jornada

dos artistas de galpão e o local das entrevistas foi a recepção do galpão, com a presença da enfermeira.

As categorias utilizadas para a compreensão do trabalho desenvolvido pelos artistas de galpão foram o trabalho (MARX, 1996; TAVARES, 2004), indústria cultura (CANCLINI, 1983) e festas populares amazônicas (NOGUEIRA, 2008), observando um alinhamento a partir do momento em que esta última para a interessar ao mercado e tornar-se um produto da indústria cultural, marco da profissionalização e das novas configurações do mundo do trabalho, que sejam os artistas e demais profissionais necessários a realizar um espetáculo como o Festival de Parintins.

Não cabe a este trabalho discutir categorias do mundo das artes plásticas. O objetivo é, a partir das categorias escolhidas, observar cada artista de galpão como um trabalhador num sistema mercadológico em que seu trabalho é remunerado e rende milhões de reais em patrocínio público e privado para o fortalecimento da cultura local e geração de trabalho e renda para a cidade de Parintins.

Muitos são os estudos que se debruçam no Festival Folclórico de Parintins e que serviram de base para este trabalho (ASSAYAG, 1995; BRAGA, 2002; SAUNIER, 2003; VIEIRA FILHO, 2003; RODRIGUES, 2006). Tratam sobre o conceito das artes, da economia, do turismo, do ofício dos artistas de galpão e demais profissionais que dão vida aos bois. Tratam do entretenimento, do poder da festa, observam as imagens geradas do espetáculo e seus bastidores. Contudo, nenhuma das obras que retratam o Festival de Parintins preocupou-se com o tema desta pesquisa: a condição de trabalho dos artistas nos galpões. Durante as observações e entrevistas semiestruturadas, foi possível verificar a relação de trabalho dos artistas com as associações folclóricas e entender como o Festival contribui para esse novo trabalho e como são as condições de trabalho nestes espaços, inclusive na “exportação” destes artistas para demais festas populares no Brasil.

## **2 OS ARTISTAS DE GALPÃO E SUA RELAÇÃO DE TRABALHO COM OS BOIS-BUMBÁS DE PARINTINS**

De rabiscos no papel, da maquete em isopor, do emaranhado de ferro torcido e retorcido, do papelão cobrindo o isopor, as alegorias dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso criam formas e inebriam os olhos dos visitantes do Festival de Parintins. Os artistas, responsáveis por cada brilho e movimento, trabalham durante os meses de março a junho para dar forma ao ferro, isopor, papelão e tinta, apresentado num palco a céu aberto na arena do Bumbódromo. São três meses de muito trabalho num ambiente precário e passível de riscos à saúde de cada um.

Um mês após a apresentação dos bois no Festival, a Comissão de Arte, do Boi Garantido, e o Conselho de Artes, do Boi Caprichoso, já iniciam a preparação para o próximo ano com a elaboração do Projeto Boi de Arena. Este grupo é responsável desde o fim da década de 1980 a dar sentido as apresentações que a cada ano tomam caráter maior de espetáculo e competição. O projeto, como explicitado no Capítulo 2 deste trabalho, norteia todas as etapas que envolvem esse festival folclórico: toadas, gravação de cd e dvd, ensaios preparatórios, confecção das alegorias e indumentárias e o planejamento do que será executado nos três dias de festa.

Após esta decisão, a mão de obra é contratada, são equipes para construção de alegorias, indumentárias diversas, responsáveis por coreografia, ritmo e serviços gerais. Dentre estes trabalhadores, este projeto debruçou-se nos sujeitos responsáveis pela confecção das alegorias produzidas para a cenografia do espetáculo. Os artistas de galpão, como se denominam os trabalhadores do boi Garantido, e os trabalhadores de galpão, como se intitulam os trabalhadores do boi Caprichoso, trabalham no período de março a junho. A equipe de produção de uma alegoria é constituída pelo Artista de Ponta, seu coordenador e de pelo menos três soldadores, escultores, pintores, decoradores e auxiliares, contratados de acordo com a necessidade do artista de ponta.

Estes profissionais são submetidos a um trabalho precário, exercido inicialmente nos QG's (Quarteis Gerais) espalhados pela cidade e atualmente, sediados nos galpões de cada bumbá. Estes espaços serviram como *locus* da pesquisa: do Boi Caprichoso, localizado a 350 metros do Bumbódromo, e do Boi Garantido, distante a mais de 2 km do palco de apresentações. Estes espaços foram comprados por suas respectivas diretorias quando a brincadeira de boi profissionalizou-se. Jair Mendes, o artista precursor das alegorias e indumentárias mais elaboradas no boi, começou a ocupar espaços como armazéns e galpões amplos, vazios, para a produção destes itens. A inovação foi aderida pelos dois bois que procuraram ampliar e obter seus próprios espaços a partir da década de 1990.

Os galpões têm sua estrutura diferenciada e estão situados em locais distintos: o Boi Caprichoso tem o curral onde acontecem os eventos da associação, localizado na Rua Senador José Esteves, Centro da cidade, e três galpões localizados no bairro de Palmares, com pelo menos 15 metros de altura, facilitando a produção das alegorias que possuem estas dimensões. Já o Boi Garantido tem terreno amplo que é ocupado por três galpões de alegorias, um prédio administrativo, e o curral para ensaios e eventos – tudo em um só lugar.

O galpão de alegorias do boi Garantido tem apenas 6 metros de altura o que traz uma carga maior de trabalho aos seus artistas, já que suas alegorias têm o mesmo tamanho que as do Caprichoso e, por conta disso, são produzidas em módulos e montadas apenas

horas antes do início do festival. Enquanto o boi Caprichoso produz uma alegoria de 15 metros de altura em 3 módulos para facilitar a entrada no Bumbódromo, o boi Garantido precisa fazer 6 módulos.

Os artistas de ponta foram bem solícitos e cederam alguns de seus profissionais para participar da pesquisa. Assim, apesar de os galpões terem cada um seu diretor administrativo, quem organiza a equipe e é responsável pela jornada de trabalho é seu líder. Sob o artista de ponta pende a responsabilidade total da alegoria e de seus liderados, uma vez que a Associação dá total liberdade de escolha. A faixa etária destes está entre 30 a 60 anos, o que lhes garante pelo menos 20 anos de dedicação nesta função à festa do boi-bumbá. E são Parintinenses, em sua maioria, mesmo os que vieram de outras localidades, já que seus familiares escolheram Parintins como cidade para educação dos filhos ainda pequenos.

Perguntados sobre a função que exercem no Boi atualmente e demais ocupações, observa-se que não há apenas um trabalho a ser executado, mas uma profissão que constitui o sujeito socialmente. Histórias de vidas que se confundem com o desenvolvimento de cada boi-bumbá. Para exercer a função atual nas Associações, os artistas de ponta relatam que ou têm o dom artístico ou aprenderam com Jair Mendes ou Irmão Miguel de Pascalle, italiano que morou em Parintins por muitos anos, ensinou pintura e escultura à crianças parintinenses. Os demais profissionais ou aprenderam por curiosidade e vontade de trabalhar no boi ou fizeram cursos básicos de escultura, soldagem e as associações ofereceram aos artistas o curso de “Cálculo Estrutural”, com elementos de engenharia para produção das grandes estruturas de ferro das alegorias.

Todos são contratados e iniciam o trabalho no mesmo dia, contudo, as tarefas a serem executadas por cada função têm seu tempo. A divisão do trabalho no galpão, após as indicações para cada artista de ponta, segue o seguinte roteiro: inicialmente, as alegorias que pertenceram a equipe no festival anterior são desmontadas para reaproveitamento das bases das alegorias, que são o ferro, roldanas e adereços por toda a equipe. Em seguida, a nova alegoria toma forma com o trabalho do soldador, com ajuda dos demais. O escultor, então, começa a esculpir o isopor que em sequência é pastelado e pintado pelos pintores. Todas as atividades especializadas têm o apoio dos auxiliares, os profissionais mais flexíveis da equipe.

Os artistas de ponta são diretamente contratados pela diretoria da Associação, de acordo com as necessidades apresentadas pelo Projeto Boi de Arena e o quadro de artistas que os bois dispõem. Cada um destes é responsável pela escolha da própria equipe que irá compor para o trabalho. Segundo os artistas, em unanimidade, os critérios para composição da equipe é afinidade com o trabalho, mas também a fidelidade pelos anos de trabalho.

Sobre o tempo de serviço e função no Boi, também há um dado interessante: assim como a hierarquia e qualificação de cada profissional, o tempo no Boi segue uma regularidade. Em uma equipe, a hierarquia está na mesma proporção que o tempo de permanência. Quanto maior a responsabilidade, maior o tempo de permanência no Boi.

De acordo com o vínculo empregatício destes sujeitos com as Associações, exceto o Artista de Ponta, todos são funcionários contratados na carteira de trabalho. Os artistas de ponta são contratados por meio de contrato de trabalho que rege pagamentos e trabalho a ser executado no boi. Não têm direito trabalhista como FGTS, INSS, seguro-desemprego ou auxílio-doença. Também não têm direito, portanto, à aposentadoria, tendo em vista, por exemplo, que o Mestre de todos os artistas de ponta, o Sr. Jair Mendes, já têm mais de 35 anos no Boi e poderia aposentar-se, inclusive, por idade e tempo de serviço.

Todos estão regidos por uma jornada de 44 horas semanais, divididas em oito horas de trabalho diários, cumprindo obrigatoriamente pelo menos 2 horas extras todos os dias, com exceção do sábado, com apenas 4 horas de trabalho. Sobre este ponto, mais uma irregularidade é encontrada. Observe a fala de um dos trabalhadores:

Na hora de acertar o trabalho, eles assinam a nossa carteira de oito horas por dia, mas na hora de trabalhar mesmo, a gente trabalha é 10 ou 11 horas por dia, e eles fizeram um negócio tão bem amarrado que não conseguimos às vezes receber a hora extra. No ponto (livro de ponto) tá lá que a gente trabalha direitinho porque tem que assinar, né?! E aí? Como faz pra cobrar depois? (Auxiliar de Galpão 03)

De acordo com os relatos, a remuneração é acertada no momento do contrato, a ser pago em três parcelas, correspondentes aos meses de trabalho no Galpão, tendo seus valores diferenciados para cada cargo. Em média, o artista de ponta recebe de 20 a 35 mil, variando o valor porque alguns tem mais que uma alegoria para produzir ou produzem figurinos para itens individuais. Os demais membros da equipe, classificados em soldador de ponta e soldador auxiliar 01 e 02, assim também para escultor, pintor, decorador, e os auxiliares, recebem os valores de 6 mil, 4.500 mil ou 3 mil reais, de acordo com a função e hierarquia.

É o pagamento um dos motivos para o trânsito dos artistas entre os bumbás. Não apenas os artistas de galpão, mas integrantes do corpo de dança, compositores, dirigentes de Batucada e Marujada, e até mesmo itens individuais que criaram identidade com uma das associações. Pelo volume de trabalho e os rendimentos recebidos, observa-se um disparate, considerando o volume de investimento público e privado todos os anos no Festival de Parintins, para os trabalhadores. Só em 2013, R\$ 13,5 milhões foram destinados aos dois bois<sup>2</sup>. Exceto o Artista de Ponta, eles recebem um salário mensal de dois a um mil

---

<sup>2</sup> Blog Valmir Lima. Disponível em: <http://valmirlima.com.br/2013/06/governo-do-am-ja-destinou-r-135-milhao-ao-festival-de-parintins/>

reais, para uma jornada de trabalho de praticamente 55 horas semanais, pelas quais, nem sempre recebem as horas-extras.

Para além das relações de trabalho, outra constatação é preocupante: os galpões dos bumbás trazem inúmeros riscos à saúde dos artistas de galpão, tanto para acidentes de trabalho como para doenças relacionadas ao trabalho. Os artistas trabalham em jornadas exaustivas e sob péssima climatização. O local é quente e muito úmido, pouca entrada de luz e a circulação não é livre, já que há emaranhados de ferros, blocos de isopor, dentre outros materiais utilizados para produção das alegorias.

Os materiais e instrumentos para a soldagem são os mais citados dentre os riscos, como queimaduras graves ou leves que podem levar a perda da sensibilidade ou irritação dos olhos com as faíscas. No galpão do Boi Garantido chega a ser mais acentuado, já que há poças de água da chuva em meio ao local de uso deste equipamento. A recomendação institucional é não utilizar as máquinas, mas como agir corretamente com o atraso das alegorias?

Para executar o trabalho, estes profissionais lidam com instrumentos e materiais perfurocortantes, elétricos e tóxicos todos os dias, manipulados diretamente ou indiretamente por conta da proximidade que cada um realiza suas atividades.

Dentre estes instrumentos, um é característico desta profissão, trazida por Jair Mendes do Carnaval do Rio de Janeiro: a resistência. Um fio é ligado a uma resistência de chuveiro, utilizada para cortar blocos de isopor, impossíveis apenas com o uso da faca. Agiliza o trabalho, mas também traz riscos, uma vez que funciona por meio de eletricidade, que já ocasionou acidentes como choques elétricos. Outro aparelho que é preciso atenção, bem como a utilização da máquina de solda, citada anteriormente.

Para executar o trabalho, então, os esforços são vários, físicos e mentais. Entre os principais esforços citados, carregar peso, muito tempo sentado ou muito tempo em pé, pensar a logística da engrenagem dos movimentos das alegorias, e até mesmo trabalhar sob o sol, no calor, subir até mais de 10 metros para montagem, pintura ou decoração das alegorias.

Sobre os acidentes ocorridos, é preciso destacar que no galpão nunca ocorreu óbito. Até hoje, apenas um óbito ocorreu durante o traslado de uma das alegorias. O trabalhador contratado apenas para o serviço de traslado estava em cima da alegoria e chocou-se com um fio de alta tensão, em 2006. Momento em que o Ministério Público do Trabalho passa a fiscalizar os galpões das associações folclóricas e cobrar das diretorias melhores condições de trabalho e contratações formais, por meio da carteira de trabalho para garantir aos artistas de galpão os direitos trabalhistas.

É válido lembrar que a maioria dos entrevistados para esta pesquisa possui pelo menos 10 anos de trabalho dedicados ao Festival Folclórico, contudo, até 2006, nenhum

possuía qualquer vínculo empregatício, nem contratual, com as associações. As mudanças iniciaram então em todos os aspectos de forma lenta e gradual. Naquilo que o poder público considerou mais urgente, ajustando tudo em um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), que garante os direitos dos trabalhadores.

Os artistas têm consciência de que o trabalho acarreta de alguma forma consequências para sua saúde, não apenas doenças mais graves, mas inclusive, as indisposições e o cansaço físico e mental pós-trabalho. E apesar da facilidade de compreensão de um acidente como ocasionado pelo exercício profissional, as doenças e este nexos ainda não estão tão claras assim para os trabalhadores.

Hoje, há setor de enfermagem que funciona com ações de promoção, prevenção, tratamento e acompanhamento (com hipertensos e diabéticos) a todos os profissionais vinculados às associações. Contudo, segundo os artistas, suas atividades são mais direcionadas aos exames clínicos para a contratação e, no período de março a junho, atendimento a um eventual acidente que ocorra nas imediações da agremiação.

Neste sentido, não somente as condições de trabalho são deterioradas, mas o ambiente e a nova atividade desgastante e intensificada do trabalhador atenuam sua condição de saúde. As discussões acerca do mundo do trabalho não devem centrar-se apenas no “chão das fábricas”, mas em todos os processos do modo de produção capitalista, inclusive no que tange a este mundo do trabalho amazônico, na exaltação da criatividade e da cultura desta região. Faz-se mister apreender de que forma este “novo mundo do trabalho” tem impactado a saúde destes trabalhadores.

Neste sentido, esta pesquisa vem desvelar o que há por trás das alegorias tão bonitas e cheias de formas e cores: um artista de galpão que tem mínimos direitos trabalhistas, tanto em relação a pagamentos como a meio ambiente de trabalho. Este trabalhador que espera todos os anos para mais uma vez trabalhar no Festival e sintetizar seus três meses de trabalho em arte em movimento na arena.

### **3. CONCLUSÃO**

O Festival Folclórico de Parintins tem marcos históricos importantes que o levaram ao profissionalismo de hoje. A brincadeira foi criada em 1913 com o intuito de entreter a pequena cidade e o boi de rua torna-se boi espetáculo e profissionalizou-se. É esse o marco entre as categorias trabalho, festas populares e indústria cultural que rege este trabalho com o objetivo de analisar as condições de trabalho e saúde dos artistas de galpão.

Por mais de 20 anos, a situação ainda é a mesma: um boi que evolui em patrocínio e grandiosidade de espetáculo, mas que se mostra mínimo no reconhecimento individual e financeiro para cada artista. As mãos que tecem o Festival de Parintins precisam de

melhores condições de trabalho. Precisam de políticas públicas mais eficientes, para além das fiscalizações e multas do Ministério de Trabalho. Esta última, principal instituição de fiscalização deste trabalho desde 2006 tem realizado intensas fiscalizações tanto nos aspectos legais da contratação do trabalhador, quanto em relação ao meio ambiente de trabalho. Dentre as exigências deste órgão, indica-se a contratação destes trabalhadores por meio da carteira de trabalho e com os direitos no ato da demissão, rota de fuga, banheiro e bebedouro, entrega dos equipamentos de proteção individual (EPI), regulação da jornada de trabalho e exigência do pagamento das horas extras. Contudo, não há nenhuma organização política dos três lados: nem dos trabalhadores na reivindicação de melhores condições de trabalho; nem da diretoria das associações na elaboração de políticas internas sistematizadas em prol de seus “artistas”; muito menos do Estado que, apesar das fiscalizações por meio do Ministério Público do Trabalho, tem sido taxativo na cobrança do pagamento de multas e direitos trabalhistas, mas não em função da redução dos crimes e omissões realizados pelas associações.

Aponta-se com este trabalho para a necessidade da formulação de políticas locais de segurança e saúde, considerando as peculiaridades do trabalho e da festa a que este está atrelado. Faz-se urgente que se tome medidas para a garantia de melhores condições de trabalho institucionalizada, com controle e fiscalização tanto das Associações quanto do poder público e quem sabe do poder privado, ao atrelar estas medidas ao patrocínio que todos os anos é destinado para a produção do espetáculo. Políticas sérias que atendam a real necessidades destes sujeitos.

Os artistas também precisam organizar-se politicamente e fazer valer seu direito de trabalhador. Não há nenhuma organização política dentro do galpão, o que poderia contribuir para maiores pressões às diretorias acerca dos cumprimentos legais quanto aos direitos trabalhistas. Apenas uma greve foi registrada até 2011, quando os trabalhadores de uma das associações paralisaram por um dia o trabalho no galpão para que seus salários fossem pagos.

O tipo de atividades desenvolvidas pelos trabalhadores de galpão contribui, sim, com o capital, pois são sujeitos importantes para o desenvolvimento socioeconômico de Parintins e tem sido requerida em outras festas culturais, principalmente o Carnaval de São Paulo e Rio de Janeiro, engrandecendo ainda mais a cidade. Eles dão vida as alegorias, indumentárias, com sua criatividade reconhecida pelo mundo inteiro e são convidados a trabalhar em locais do país, como festivais, quadrilhas, festas religiosas e o carnaval em todas as localidades do Brasil. Assim, é preciso, sim, investigar, estudar e contribuir para a garantia de melhores condições de trabalho para os artistas de galpão dos bois de Parintins.

#### 4. REFERÊNCIAS

ASSAYAG, Simão. **Boi-bumbá: festas, andanças, luz e pajelanças**. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI-BUMBÁ GARANTIDO. **Mito, Cultura e Arte**. Parintins: Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido, 1999.

AZEVEDO, Luiza Elayne Correa. Uma viagem ao boi-bumbá de Parintins: do turismo ao marketing cultural. In: **SOMANLU**. Revista de Estudos Amazônicos. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia. Universidade do Amazonas, Ano II, nº 2: edição especial. Manaus: Valer, 2002. p. 59-76.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte; Edua, 2002.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé**. Manaus: Valer, 2008.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. **Boi-Bumbá: Evolução – Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins**. Manaus: Valer, 2006.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: memória dos acontecimentos históricos**. Manaus, Valer; Governo do Estado do Amazonas, 2003.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.

VIEIRA FILHO, Raimundo Djard. **Bumbás de Parintins: tradição e mudança cultural**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.